

Alice Vieira

O que são livros importantes?

Melhor: por que razão este ou aquele livro nos marcou? Em que tempo da nossa vida? Que amores ou desamores ocupavam o nosso coração? Era de Verão ou de Inverno, líamos à lareira ou ao prosaico aconchego do calorífero? Teremos hoje a coragem de revelar o nome de todos, de os dar a ler aos nossos filhos e esperar deles o mesmo entusiasmo? E, se esse entusiasmo não chega, teremos a ainda maior coragem de reprimir na boca a fatal exclamação «ah, no meu tempo...»

Que livros gostaríamos de compartilhar com os outros se com eles compartilhássemos o coração?

Sempre me lembro de viver rodeada de livros. Bons, maus, assim-assim, péssimos alguns. Mas muitos. À escolha. Sem reservas, nem sequer prateleiras proibidas. Penso que todos eles me marcaram — desde os minúsculos volumes da Coleção Joaninha (que há dias vi num antiquário a serem vendidos como objecto de decoração...), passando pelos inefáveis romances de amor da Coleção Azul, com um chofer russo (branco, evidentemente) chamado Sacha a deixar uma americana em delírio e abandonada (a *perestroika* ainda vinha muito longe, mesmo para os rusos brancos...).

Lembro-me de todos. E não tenho medo de lhes confessar a minha gratidão por todas as horas de grandes choros e grandes paixões que me provocaram. E não há nada mais saudável do que ser capaz de chorar por causa de um livro.

(Depois perdemos a inocência, aprendemos coisas complicadas, temos vergonha das lágrimas, falamos muito de semiótica. Envelhecemos.)

Mas antes ainda tive tempo de ler a Condessa de Ségur — jurando a mim própria que, se um dia inventasse terríveis inimigas, lhes poria os nomes de Camila e Madalena. Para a maior amiga reservaria o de Sofia



— aquela a quem tudo corre mal, anda de «vestidos sem mangas quer seja Verão quer seja Inverno» — o que me parecia a pior das torturas.

E os anos foram passando — e os livros passando com eles.

Entre os livros — evidentemente os escolares. E não serão estes, às vezes, que nos deixam marcas para a vida inteira? E não serão estes, às vezes, os únicos nas mãos de grande número de crianças?

Naquele tempo os livros escolares vinham cheios de «heróis».

O Gonçalo, «a caminho da escola, além / vamos depressa apanhá-lo / vamos com ele também», era sempre «o primeiro» — que dos segundos nunca rezam os livros oficiais.

O Jorge, «que se porta como um homenzinho à mesa e só fala quando lhe dirigem a palavra».

E todos aqueles, muitos, que trabalhavam no campo, rosados, remendados mas felizes, oh tão felizes que eles eram todos!, porque «todo o trabalho dá saúde e alegria, mormente o que se faz ao ar livre».

Já imaginaram o trabalho que outros livros depois tiveram para conseguir tirar da minha cabeça o que estes lá tinham deixado? Para varrerem a perfeição insuportável de todos os meninos e meninas exemplares com os quais — assim rezavam os manuais — eu deveria parecer-me.

Mas é tempo de entrar a sério nesta história. Já toda a gente deve ter entendido o prodígio que eu devia ter sido e não fui.

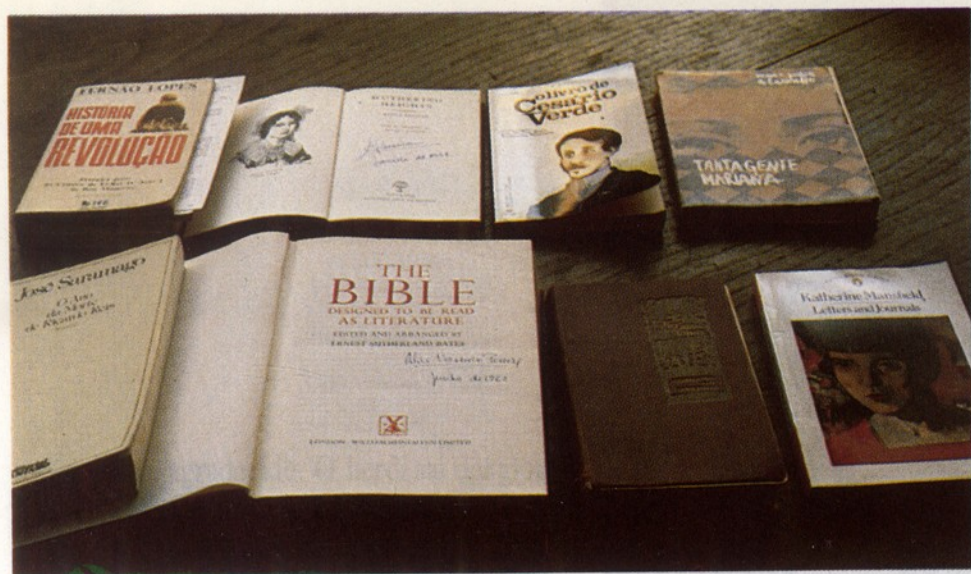
Se tivesse sido prodígio, estaria agora aqui a confessar montanhas de erudição — como os que dizem que aos dez anos de idade leram *O Primo Basílio* e tiveram por isso longas noites de insónia e suores frios. Ou os que, na pasta da escola, escondiam *A Origem das Espécies* ao lado da *Cartilha Maternal*.

Confesso: a única vez que escondi um livro na pasta da escola já andava no quinto ano do liceu — e dei-me mal com a aventura. O livro caiu-me, fui chamada à reitoria, que me enumerou todos os pecados em que eu incorria por andar com «leituras daquelas», e me fez prometer que nunca mais pegaria em semelhante abjecção.

Prometi, evidentemente.

Quando cheguei a casa li-o de uma ponta à outra e — ainda por cima... — não gostei nada. Chamava-se — para que conste — *Os bastardos do sol*, e o Urbano não tem culpa nenhuma desta história...

Mas falando ainda mais a sério: há livros sem os quais eu nunca poderia ter passado. Sem os quais ainda hoje eu não consigo passar. Livros que eu gostaria que toda a gente lesse, não para ficarem todos muito cultos e sábios, capazes de ganharem os concursos da televisão — mas para serem felizes. Porque há livros capazes disso, e é por essa razão que me choca muito ouvir alguém dizer que não tem tempo para leituras, que o importante hoje em dia não é ler um livro — o importante é ganhar muito dinheiro, muito



cedo, para chegar aos vinte anos e ganhar na Bolsa, e comprar o Braz e Braz, ou o Continental, ou os Preciados (para combater a invasão espanhola...)

E há gente que passa a vida inteira sem conhecer o cheiro do papel nos livros antigos, sem conhecer o prazer de comer uma torrada a ouvir a chuva lá fora e a ler um livro afundada num monte de almofadas. O prazer de sentir que tem tantos irmãos que vivem tantas histórias iguais à sua. Ou o outro diferente prazer que é imaginar como poderíamos ter sido se tivéssemos nascido noutros lugares, noutros tempos, com outras palavras, outros gestos e sabedorias.

Mas — imprescindíveis? Livros mesmo imprescindíveis?

Assim um pouco como se se falasse de amigos: «conhecidos, tenho muitos; amigos, poucos mas bons» — não é assim que sempre se diz?

Pois é. Conhecidos, tenho estantes e estantes deles.

Mas amigos...

Acima de todos, e antes de todos, e hoje e sempre, pelos século dos séculos, ámen, a Bíblia, o Fernão Lopes e o Cesário.

A Bíblia — porque está lá tudo à nossa espera, e nos explica porque ganhamos, e nos explica porque falhamos, e nos dá as palavras certas para aquilo que pensávamos ser inominado. «A Bíblia para ser entendida como literatura» — assim mesmo se intitulava a edição inglesa que, muito cedo, a família de ateus donde provenho me colocou nas mãos. «*Blessed of the Lord be his land / for the precious things of heaven, for the dew / and for the deep that coucheth beneath / and for the precious fruits brought forth by the sun / and for the precious things put forth by the moon...*» — quem podia resistir a isto?

Fernão Lopes — porque deu às palavras a força que elas precisam de ter, a força dada pela verdade das coisas que ele viu, pela força de um povo que se descobre a si próprio. E porque foi o primeiro jornalista desta terra:

basta reler a *Crónica de D. João I* para nela se encontrar tudo, incluindo — como mandam as normas — todos os «quem, como, quando, onde e porquê». E que sabedoria suprema na famosa descrição de Leonor Teles, «mulher mui inteira e de coração cavaleiroso, buscador de maravilhosas artes por firmeza de seu estado, e dês que ela reinou aprenderam as mulheres ter novos jeitos com seus maridos»...

Cesário — porque, ao contrário do que pretendia Novalis, para mim «quanto mais verdadeiro, mais poético». E é das coisas concretas que a poesia explode, das ruas de Lisboa ao entardecer, das talhadas de melão dos piqueniques burgueses, dos mestres carpinteiros e das vigas, das varinas-que-dantes-havia, das fábricas, das cutelarias, das fiações, «do cheiro salutar e honesto a pão no forno».

Mas o coração é imenso e tem espaço para muito mais — que é pelo coração que os livros se amam e se recordam.

Num canto — os imprescindíveis.

Mas pelos outros cantos os que foram conseguindo lugar cativo, como *A Morgadinha dos Canaviais*, com as cenas espantosas do levantamento popular contra os enterros nos cemitérios, e a morte do ervanário — e as ilustrações de Roque Gameiro, nessa edição onde ainda se escrevia «chronica», «Cannaviaes», «philosophia», «creança», «afflicção»...

Mas deixemos esses tempos de «afflicções» — que também para os livros de hoje se encontra ainda espaço pelo meio do coração. Deixo de lado as legiões de conhecidos, deixo mesmo alguns que são um pouco mais do que isso, para ficar apenas com os verdadeiramente amigos do peito. Aqueles que nos fazem tanta falta quando, por qualquer motivo, desaparecem. Então a gente olha à nossa volta e parece o deserto.

Dois nomes — com tantos anos de primeiro! Maria Judite e Saramago.

Dois nomes: *Tanta Gente, Mariana!* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. A tristeza magoada, a chuva miudinha e os cansaços quotidianos, esta cidade de hotéis de terceira categoria com entradas mal iluminadas em ruas íngremes que descem para o rio, cidade povoada de pessoas tranquilamente infelizes — será por isso que coloco ambos, tão diferentes entre si, na mesma exacta prateleira do coração?

Estrangeiros? Alguns, não muitos. Katherine Mansfield. O nome dela e não de nenhuma obra em particular, porque não consigo escolher uma em detrimento de outra. Porque é ela, afinal, que está dentro do meu coração e da minha memória. A sua contensão. As suas histórias cheias de história nenhuma.

E *O Monte dos Vendavais* — desde que não seja lido em nenhuma das versões portuguesas que por aí correm — do único verdadeiro génio de todo o quarteto Bronte.

Como por várias vezes aqui disse, o coração é imenso, e todos os dias lá entra um ou outro livro novo. Lá entra, lá repousa por momentos, por lá fica uns tempos — o suficiente para deixar qualquer coisa de seu, e dar lugar a novo inquilino. As vezes falamos deles com palavras complicadas.

Mas imprescindíveis, verdadeiramente imprescindíveis, só aqueles que referi. Desses gostaria de compartilhar a memória.

Com esses casei. De papel passado. E para sempre.

Post scriptum: esqueci-me de dizer que todos aqueles que tiverem mais de 40 anos e não souberem recitar, em ritmo de quase cantilena infantil, «*sur mes cahiers d'écolier / sur mon pupitre et les arbres / sur la table, sur la neige / j'écris ton nom...*», etc., etc., etc. — vão, evidentemente, para o inferno... ■